

## Filosofia, para que serve?

Jorge Carreira Maia

Há um momento decisivo na história da Filosofia que, olhado a partir do carácter institucional que ela adquiriu, não deixa de ser irónico. Trata-se do conflito entre os sofistas e os socráticos, onde se incluem os seus sucessores mais famosos, Platão e Aristóteles. Nos sofistas podemos encontrar, com as devidas mediações, os precursores dos sistemas de ensino modernos. Há neles uma preocupação marcada pela utilidade prática do seu ensino, com a necessidade de prestarem um serviço socialmente relevante. No socratismo, pelo contrário, manifesta-se uma atitude de questionamento que conduz à desconstrução, para usar uma palavra ainda em voga, dos saberes úteis socialmente. O compromisso com a verdade era, ao mesmo tempo, um afrontamento com a opinião comum e uma afirmação de uma liberdade de investigação assente no ócio, na disponibilidade total para a experiência do pensamento. Sócrates paga com a vida a ousadia. Platão e Aristóteles seguem um caminho que conduz, nas suas escolas, à institucionalização do matrimónio entre a busca da verdade e a liberdade de questionar, e o ócio aristocrático que esse matrimónio implicava.

Quem é professor de Filosofia, no ensino secundário, terá ouvido inúmeras vezes, pronunciada por alunos agastados, a questão decisiva que as sociedades modernas colocam: para que serve? Raramente se tem a coragem de dar a única resposta que a questão suscita: a Filosofia não serve para nada. Por norma, tende-se a moralizar, elencando as supostas utilidades para aqueles que se entregam ao aprendizado da Filosofia. A pergunta e as respostas valorizadoras da Filosofia pertencem, todavia, ao território da utilidade, a uma pátria onde o filósofo se sente, na verdade, como eternamente estrangeiro. Vale a pena, no entanto, demorarmos algum tempo com a agastada pergunta dos alunos, pois ela, na sua crueza ingénua, tem o condão de sublinhar os equívocos dos sistemas de ensino, tal como estão concebidos.

Estes são pensados em função da sua utilidade. Têm objectivos de integração social das novas gerações, de lhes proporcionar um caminho para que, chegados à idade adulta, se possam integrar nas sociedades complexas em que irão viver. Integração profissional e social. Isso é concebido através de um saber disciplinar que lhes fornecerá um conjunto de conhecimentos, técnicas e destrezas, todos eles tidos como úteis. Uma discussão recorrente, e significativa neste âmbito, é a da adequação efectiva da escolaridade, com os seus currículos e técnicas pedagógicas, às necessidades sociais. Esta concepção de educação, transversal à sociedade, está intimamente ligada às concepções e às práticas dos sofistas na Grécia antiga. Isto coloca um problema tremendo. Por razões históricas, impostas pelo prestígio intelectual de figuras como Sócrates, Platão e Aristóteles, a sofística tem má fama. O desprezo intelectual e moral de que foi objecto por parte dos filósofos tornou-se um *topos* comum na cultura ocidental. Como é que sistemas de ensino, como o português, resolvem este seu pecado original, esta acusação de dispositivo meramente utilitário e, na verdade, sofisticado? Incluindo no seu currículo a disciplina de Filosofia.

A questão que os alunos colocam revela a contradição e a ironia de introduzir, num sistema curricular voltado para a utilidade, uma coisa que é, por natureza, fundada no ócio e na despreocupação com o útil. Revela também uma outra coisa: a natureza desse casamento entre a Filosofia e o sistema de ensino. À pergunta *Para que serve?*, segue-se a revolta. É revoltante, pensa o aluno, ter de ser avaliado por causa de uma coisa que sente, e não sem razão, que não serve para nada. Esta revolta funciona como um indício revelador da situação. Qual é a situação? A Filosofia, ao ser introduzida no currículo e ao institucionalizar-se como uma disciplina como as outras, submetida aos mesmos processos de ensino e de avaliação interna e externa, foi domesticada. Esta domesticação significa a captura da Filosofia pela utilidade social e pelo senso comum em vigor na sociedade e no mundo da educação. O questionamento livre foi trocado por um programa a cumprir, com conhecimentos a adquirir e a demonstrar em testes e exames. A Filosofia foi incluída na engrenagem exuberante e disciplinar da polimatia considerada socialmente útil. A interrogação e a revolta dos alunos indiciam, porém, uma indisfarçável resistência por parte da Filosofia. É esta resistência que, por vezes, conduz algum ministro mais audacioso a aventar a possibilidade do seu desaparecimento do ensino não superior.

A introdução, ainda que domesticada, da Filosofia no currículo do ensino secundário pode, como vimos, ser o sintoma da má consciência do próprio sistema. Porquê? O que significa afirmar que a Filosofia é inútil? Significa rigorosamente dizer que ela não tem um valor instrumental. Ela não serve como meio para outra coisa. Pensar é um acto com valor intrínseco. Não serve para salvar a alma, para curar o corpo ou tornar-se um empreendedor a caminho de ser milionário. Esta autonomia do pensar perante a utilidade, como já se percebeu, é um escândalo numa sociedade voltada para a produção, a eficiência e a eficácia. Todavia, a tradição do livre questionamento inaugurada pelo socratismo vai ter a partir do século XVII, com a Revolução Científica, uma inesperada continuação. Mesmo que, em áreas como a Química tenham influído motivações prático-utilitárias, a atitude dos primeiros grupos de cientistas modernos era marcada pela perseguição da verdade, independentemente da sua utilidade. Isto permite perceber um equívoco generalizado.

A Filosofia, como sublinham muitos alunos, não serve para nada. As outras disciplinas, porém, são tidas como úteis. Dominá-las fornece uma ferramenta para atingir um fim. Alunos e pais pensam assim e a decisão política reforça estas crenças. É neste âmbito que se entende o desespero de alunos, professores e outros agentes educativos perante a Matemática. É necessária ensiná-la a partir de situações práticas, para que os alunos compreendam a sua utilidade e, assim, se entreguem ao seu estudo. O problema, porém, é que todas estas disciplinas são tão inúteis quanto a Filosofia. Elas têm a finalidade nelas próprias e não no que com elas se poderá construir. A Filosofia e as ciências, pela sua natureza constitutiva, pelo seu compromisso com a verdade, são radicalmente estranhas a uma sociedade fundada na utilidade, na eficácia e na eficiência. A inutilidade constitutiva da Filosofia prolongou-se na constituição das ciências modernas. Esta inutilidade geral – claramente visível na Filosofia e, mais subliminarmente, nas outras disciplinas –

torna evidente o paradoxo que habita os sistemas de ensino, voltados todos eles para preocupações utilitárias.

Esta situação paradoxal pode ser resolvida? Não tenho a certeza, mas seria bom que se pudesse escutar a natureza desses saberes e, acima de todos eles, a da Filosofia. A partir dessa escuta, podemos pensar que predisposição, exigida pela Filosofia, mas também pelos outros saberes, deve ser trabalhada, desde muito cedo, com os alunos. Duas características concomitantes deveriam ser desenvolvidas nas crianças mal chegassem ao sistema de ensino. O compromisso com a verdade e a liberdade de questionar. A verdade só pode florescer no território da liberdade, do prazer de interrogar sem coacções ou constrangimentos. Estas duas características exigem uma terceira: fornecer razões que justifiquem a verdade daquilo a que se chegou no livre questionamento. Assim emergem três conceitos centrais para a formação do carácter: liberdade, verdade e responsabilidade. A liberdade de questionar, a verdade que se quer alcançar, a responsabilidade de justificar o que se toma, livremente, por verdade. É isto que o sistema educativo recalca em nome da utilidade, transformando em dogmas os conhecimentos seleccionados, que agora devem ser adquiridos sem questionamento, sem curiosidade e sem liberdade. O resultado é o insucesso escolar generalizado e a indisciplina na sala de aula que ninguém sabe como enfrentar. Se os alunos não desenvolvem – praticamente, *ab initio* – a liberdade de questionar, o compromisso com a verdade e a responsabilidade pelo que pensam, o mundo da Filosofia e o das ciências torna-se um pesadelo, o qual é disfarçado, quando é, pelo talento individual do professor ou reforçado pela falta desse talento.

A inutilidade da Filosofia é o grande revelador da incongruência de um sistema educativo fundado na utilidade, a qual precisa de resultados metrificados para poder medir a eficácia e a eficiência do sistema. Esta inutilidade, porém, tem o condão de lembrar que há outros caminhos que não o da visão utilitária. É um caminho que lembra que os saberes disciplinares emergiram do não disciplinar – isto é, da indisciplina – e que, através da liberdade de questionar e do compromisso com a verdade, se tornaram em campos de saber consolidados. Há em tudo isto um prazer específico. O prazer de fazer emergir um cosmos – um mundo organizado de saber – a partir do caos da ignorância e do preconceito. Os nossos alunos precisam de reviver, na sua vida escolar, esse prazer inaugural que lhes permita, sem preocupações utilitárias, transitar do caos ao cosmos. Precisam de compreender que o saber é um jogo jogado pelo prazer do jogador, sem que com isso se vise mais do que o puro e simples jogar. Impossível? Sem sentido? Na Finlândia ou na Catalunha, em alguns colégios jesuítas, o caminho começa a ser trilhado. Alguém começa a perceber que não há nada mais sério na vida do que o jogo e as coisas inúteis.